

O CONTEXTO DO POÇO DO CLAUSTRO SO DO HOSPITAL REAL DE TODOS-OS-SANTOS: OS CONTENTORES PARA LÍQUIDOS

Rita Neves Silva¹, Rodrigo Banha da Silva²

RESUMO

Na intervenção arqueológica da Praça da Figueira, realizada entre 1999 e 2001, exumaram-se contextos relacionados com o Hospital Real de Todos-Os-Santos, o primeiro grande complexo de saúde e assistencial central de Portugal. No espaço do pátio do Claustro SO do edifício foi revelado um poço circular, preenchido com unidades estratigráficas de abandono relacionáveis com eventos de meados do séc. XVIII, nomeadamente o grande incêndio de 1750 que, segundo as fontes manuscritas, afetou a Igreja e esta zona em particular. Selecionou-se para o presente trabalho um grupo dos recipientes de armazenamento de líquidos daquele contexto, por se considerarem mais diretamente ligados com a vida a uso da estrutura hidráulica, com o objetivo de contribuir para o aprofundar do conhecimento sobre a cultura material do quotidiano urbano da cidade de Lisboa da Época Moderna, e do seu *Hospital Grande* em particular.

Palavras-chave: Arqueologia Moderna, Cerâmica Comum Moderna, Lisboa, Séculos XVII-XVIII, Hospital Real de Todos-Os-Santos.

ABSTRACT

During the archaeological excavations of 1999-2001 in Praça da Figueira (Lisbon), several contexts directly related to episodes that took place on the first Portuguese central Hospital, *Hospital de Todos-Os-Santos*, were recognized. In the SW Cloister yard, a circular well was identified, filled with abandonment S.U.s connected with events of middle 18th c., particularly the great fire of 1750 that, according to written sources, affected mainly the Church and this zone. The group of coarse ware liquid storage containers from that context was selected, with the aim of contributing to the knowledge on material culture of the Lisbon's urban daily during Modern Age Period, and of its Hospital in particular.

Keywords: Modern Age Archaeology, Lisbon, 17th & 18th c. Portuguese Coarse Wares, Hospital Real de Todos-Os-Santos.

1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica municipal desenvolvida entre 1999 e 2001 na Praça da Figueira, em Lisboa, ampliou a leitura do remanescente do Hospital Real de Todos-Os-Santos, escavado anteriormente em 1960-62 por Irisalva Moita (MOITA, 1992: 39). A intervenção fora motivada pelo plano municipal de reabilitação das praças do Rossio e da Praça

da Figueira, que contemplava a instalação de um estacionamento automóvel subterrâneo no subsolo. Considerando a experiência acumulada de investigação sobre esta área específica da cidade, foram os trabalhos arqueológicos então cometidos ao extinto Serviço de Arqueologia do Museu da Cidade, tendo decorrido sob a direção de um dos signatários (RBS). O volume e importância dos dados então recolhidos permanece essencialmente inédito, e por trabalhar.

1. FCSH – UNL; rita_nevesilva@hotmail.com

2. CAL – CML; CHAM – FCSH / UNL e UAç; rodrigo.banha@cm-lisboa.pt

Nesse sentido, procurando também potenciar a valia informativa da informação arqueológica, lançou este ano de 2017 a Câmara Municipal de Lisboa (Direção Municipal de Cultura / Departamento de Património Cultural), em parceria com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (CHAM – Centro de Humanidades), o projeto dedicado ao Hospital Real de Todos-Os-Santos, no qual se integra o presente trabalho (Figura 1).

2. BREVES ELEMENTOS DE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Ao longo das últimas décadas foram publicados diversos estudos sobre a história da cidade de Lisboa, sendo o tópico sobre a História do Hospital Real de Todos-Os-Santos um tema frequente devido à importância do hospital na cidade, mas também para o Império Português, dado o modelo ter sido replicado noutras cidades como Goa e ter servido como centro de tirocínio para os médicos e cirurgiões portugueses dos séculos XVI a XVIII, e, por fim, para a própria história da ciência, por se tratar de um dos elementos-chave para o desenvolvimento das práticas médicas no mundo moderno (RAMOS, 1993: 333-340; SILVA e LEITE, 2015: 49-51).

A história do Hospital Real de Todos-os-Santos começa com o lançamento da primeira pedra pelo rei D. João II, em 1492, com uma localização então periférica na cidade de Lisboa, transformando-se, no quadro de um plano manuelino, num dos elementos de uma nova centralidade lisboeta, o Rossio (CARITA, 2015: 31-35). Sendo um dos mais prestigiantes edifícios públicos na época, inscreve-se na política de centralização régia iniciada no reinado de D. João II e prosseguida com D. Manuel, sendo aliás neste último reinado que o fundamental das obras foi desenvolvido e que a primitiva configuração administrativa e burocrática foi construída (LEITE e PEREIRA, 1993: p.4-6).

Edifício de inspiração renascentista italiana, todavia tardo-gótico, possuía quatro claustros, cada um com seu poço, que rodeavam os corpos principais de planta em cruz. O complexo foi recebendo obras de ampliação ao longo dos séculos, para responder às necessidades crescentes. Todavia, para além das obras sucessivas promovidas pela sua tutela, que desde a segunda metade do séc. XVI pertencia à Santa Casa da Misericórdia, ou pela munificência dos sucessivos monarcas, os cataclismos regulares

e intensos com que ia sendo atingido, transformaram o *Hospital Grande* num estaleiro quase permanentemente: destaquem-se os dois grandes incêndios, um primeiro em 1601 que lhe destruiu o interior da Igreja e afetou toda a área ocidental, e um segundo e mais devastador, ocorrido em 1750, que além da Igreja arruinou várias áreas hospitalares, dando início a vários projetos de remodelação profunda que nunca vieram a ser postos em prática dado poucos anos passados, durante ainda as remodelações, sofrer intensamente com o terramoto de 1755. O episódio marcou o início do fim do hospital, isto apesar do edifício ter continuado em funcionamento, ou de inclusive estar contemplado nos planos de reconstrução gizados em 1758. O Marquês de Pombal acaba por decidir pelo seu abandono e desmantelamento em 1769, sendo a partir daí demolido por completo (1770-1775) para dar lugar ao novo modelo pombalino para a cidade, sendo os seus serviços transferidos para o atual Hospital de São José (LEITE, 1993: 6-7).

3. O ESPAÇO DO PÁTIO DO CLAUSTRO SO E DO POÇO RESPETIVO

O Claustro SO do Hospital Real de Todos-Os-Santos foi encontrado muito desmantelado pela intervenção arqueológica de 1999-2001, em razão das intensas ações de aproveitamento de pedra que se seguiram à decisão de transferência da instituição. De facto, em três dos deambulatórios que cercavam a área do pátio a maior parte dos pavimentos em empedrado haviam já desaparecido, do capeamento original de laje calcária dos muros de recinto do pátio que suportavam os pórticos das arcarias pouco restara, estruturas à época subterrâneas como os adutores ao cano Real de São Domingos se apresentaram já sem as coberturas, e somente na zona central do pátio sobrevivera um poço hidráulico, e restos do respetivo patim de acesso.

O poço do Claustro SO ([365]) apresentava um plano perfeitamente circular com cerca de um metro de diâmetro de diâmetro, tendo sido construído com fiadas sucessivas de aduelas em calcário branco cristalino, unidas com juntas que não ultrapassavam os 0,5 cm.

Ligando as aduelas, e conformando um maciço de tendência circular, de lados externos irregulares e com cerca de 0,50m, uma argamassa esbranquiçada muito compacta e rica em cal, com algumas pedras de média dimensão e menos frequentes fragmen-

tos de olaria de construção, conformava a estrutura do poço, parecendo equivaler ao enchimento da estrutura negativa aberta nas U.E.s de matriz argilosa anteriores para a construção da estrutura hidráulica. No seu total foram identificadas 12 fiadas horizontais de aduelas, perfazendo a profundidade da estrutura remanescente aproximadamente 2,80 m.

Ladeando a sul o poço, foram identificados restos de um patim de acesso, constituído por um alinhamento de sete lajes calcárias retangulares e vestígios de uma outra pertencente eventualmente ao lado oeste ([370]), com um ligante de argamassa alaranjada, pouco compacta e inçada de picos de cal esbranquiçada ([369]), construção que se sobrepunha aos níveis também rompidos pela edificação da estrutura hidráulica ([364]). Pelas cotas absolutas a que situava este possível patim, entre 8,59 e 8,73 m, necessariamente existiria(m) degrau(s) que ligavam o nível de pavimento a esta zona um pouco rebaixada. Ora, as técnicas construtivas reconhecidas no poço, mas também no que foi interpretado como equivalente ao seu patim de acesso, afastam-se, em definitivo, das características documentadas arqueologicamente no edifício para os momentos iniciais da construção do Hospital, datáveis dos finais do séc. XV e primeiras décadas do séc. XVI. De facto, não só os elementos de cantaria estavam desprovidos das típicas «marcas de canteiro» deste período, como também as argamassas se afastavam dos modelos atestados para aqueles períodos, implicando, por consequência, momentos claramente posteriores aos fundacionais do Hospital Real. Não se tendo recolhido “elementos datantes” nos contextos relacionáveis com a instalação do poço, mais se não pode do que propor um lapso longo compreendido entre a segunda metade do séc. XVI e toda a centúria seguinte para o momento da sua instalação nesta zona do pátio do Claustro SO (Figura 2).

4. A ESTRATIGRAFIA DE ENCHIMENTO DO POÇO DO CLAUSTRO SO

As Unidades Estratigráficas que compõem o contexto ([372]) a ([376]), correspondem a uma amostra homogénea que preenche a totalidade da potência do poço, contendo materiais cronologicamente datados para o final do século XVII a meados do século XVIII, sendo o espólio muito diversificado (BOAVIDA, 2012), incluindo exemplares de madeira carbonizada (pertencente a tábuas, vigas e vigotas).

Tendo já sido estudados os vidros (Idem), os objetos pétreos, ósseos, metálicos e em materiais orgânicos, a cerâmica fina barroca (SILVA e RODRIGUES, 2015) e o conjunto da faiança portuguesa e importada (BOTELHO, 2002), neste momento procede-se ao estudo das restantes classes cerâmicas, conduzido por um dos autores (RNS) (Figura 3).

Partilhando as características sedimentares gerais, bem como o tipo de inclusões, as unidades estratigráficas viriam a revelar colagens frequentes entre fragmentos situados a distintas cotas e em distintas unidades, autorizando uma leitura com alta plausibilidade de que o poço terá sido preenchido num momento curto, muito circunscrito no tempo.

Ora, a conjugação desta interpretação com os dados proporcionados pelas cronologias dos materiais, que atingem com segurança as primeiras décadas do séc. XVIII mas não ultrapassam os meados do século, mas também com a presença abundante e as características com que se apresentavam os elementos de construção (pétreos de média dimensão, fragmentos de olaria de construção e, sobretudo, madeiras carbonizadas), configuram um cenário compatível com uma ação ocorrida na sequência do grande incêndio sofrido pelo Hospital Real de Todos-Os-Santos em 1750. Esta circunstância confere um interesse supletivo ao conjunto, tendo-se selecionado para o presente trabalho os elementos mais diretamente conectáveis com a funcionalidade da estrutura: os contentores para líquidos.

5. A CERÂMICA COMUM PARA LÍQUIDOS DO POÇO DO CLAUSTRO SO

A cerâmica comum está bem presente no espólio dos contextos do Poço do Claustro SO, compondo um conjunto de 6256 fragmentos cerâmicos. Deste universo 620 fragmentos pertencem ao grupo dos contentores destinados a líquidos, estando distribuídos 576 fragmentos pela U.E. ([376]) e os restantes 44 pertencentes à U.E. ([372]). Das U.E.s que preenchem a parte superior do poço, ([366]) e ([367]) não resultou a recolha de elementos enquadráveis no estudo (Figura 4).

Tendo-se aplicado uma metodologia de abordagem do conjunto que segue os preceitos enunciados no Protocolo de Mont Beuvray (ARCELIN e TUFFREAU-LIVRE, 1998), foram contabilizados 148 *NMI* (Número Mínimo de Indivíduos) para a U.E. ([376]) e 18 *NMI* para a U.E. ([372]), num total

de 166 *NMI*. Deverá notar-se, no conjunto de contentores líquidos deste contexto, a presença de vários objetos em muito bom estado de conservação, por vezes inteiros ou fragmentados, mas de perfil completo, circunstância que se deverá conectar com os processos de formação a que atrás aludimos.

Na distinção morfológica dos distintos tipos seguiremos a nomenclatura utilizada em diversos estudos sobre produções lisboetas da Época Moderna (TORRES, 2011).

Cântaros:

A forma que surge em maior quantidade é a do cântaro, com 131 *NMI*. Trata-se de grandes recipientes, de corpo de tendência piriforme, dotados de uma só asa que se situa no plano do bordo ou se eleva bem acima deste, possuindo colo curto.

A primeira variante identificada, **A1**, caracteriza-se por possuir um bordo ligeiramente exvertido e lábio arredondado, com caneluras concêntricas circulares no exterior e colo baixo. O corpo é hemisférico e de tendência piriforme, e o fundo plano. Uma asa ovalada vertical que arranca do bordo. A superfície interna/externa apresenta uma coloração avermelhada/acastanhada. O diâmetro do bordo é de 8 cm; o diâmetro do fundo é de 8,5 cm; a largura da asa é de 3,2 cm e a altura é de 25 cm. Num caso um dos cântaros apresenta um orifício em forma de triângulo, a meio do corpo, que pode ter sido feito propositadamente (“matar a peça”, prática destinada a de funcionalizar o objeto por razão de contágio). Esta variante é aquela que tem maior presença neste contexto arqueológico, com 29 *NMI* (1_PFoo.F11[376] – 600-18). Dentro da variante A, discernimos a sub-variante **A2**. Esta apresenta bordo ligeiramente exvertido com lábio recto, caneluras concêntricas circulares no exterior e colo baixo. O diâmetro do bordo é de 9 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm, não é conhecida a altura ou a asa, existe apenas um único exemplar desta variante. A tonalidade é idêntica à da variante A1 (2_PFoo.F11[376] – 620-45; 620-65; 620-44; 620-67; 637-68). Foi reconhecido 1 *NMI* para esta forma.

A variante **B**, é semelhante à variante A, mas de maiores dimensões e com asa em fita vertical. O seu bordo é ligeiramente invertido, lábio arredondado, com caneluras concêntricas circulares no exterior e colo baixo. O corpo, sendo piriforme, é mais hemisférico e o fundo também é plano. A superfície interna/externa apresenta uma tonalidade acasta-

nhada clara. O diâmetro do bordo é de 9 cm; o diâmetro do fundo é de 9,5 cm; a espessura da parede é de 0,4 cm; a largura da asa é de 6 cm e a altura é de 35,8 cm. O facto de existir apenas um exemplar com o perfil completo desta variante B torna difícil perceber quantos indivíduos desta variante existem no contexto (3_PFoo.F11[376] – 633-34; 1146-169; 1146-207; 655-59; 634-103; 630; etc.). Foi identificado uma forma possivelmente semelhante nos contextos do Convento da N.ª Senhora da Piedade, Cascais, que os autores datam do séc. XVII (CARDOSO e RODRIGUES, 2002: 271, 272, 280). Foi reconhecido um 1 *NMI*.

A variante **C**, é equivalente a um tipo de cântaro de grande dimensão. Foram contabilizados 7 *NMI*. Apresenta um bordo invertido, com secção semi-circular, em que a asa em fita vertical está integrada no bordo. O fundo é plano e possui um corpo hemisférico. Num dos casos, na parte inferior da asa foi executado um grafito em forma de “seta”, com a ponta para baixo. A superfície interna apresenta um tom alaranjado e a superfície externa um tom laranja/acinzentado. O diâmetro do bordo é de 4,5 cm; o diâmetro do fundo é de 12 cm; a espessura da parede é de 0,4 a 1,4 cm; a largura da asa é de 8 cm e a altura é de 38,3 cm. (4_PFoo.F11[376] – 1283-85ABCDEFH; 602-4; 609). Alguns exemplares de asa apresentam uma decoração em forma de digitação no arranque de asa. (5_PFoo.F11[376] – 1148-20AB; 1148-17; 2637-32; 1600-7). Peças como estas, foram recolhidas estratigrafias do sítio do Mercado da Ribeira, em Lisboa, datadas para a primeira metade do século XVIII (FERREIRA, 2015: 285). Noutro contexto, o de uma casa setecentista no Martim Moniz (Lisboa), abandonada aquando de 1755, foi recolhido um fundo de cântaro semelhante (CASIMIRO, 2011: 712-713). Outro possível exemplar de fundo está presente no contexto de um poço seiscentista no Vale de Alcântara, Lisboa, datado para meados do século XVII e século XVIII (BATALHA e CARDOSO, 2013:133).

Jarro:

O Jarro é um contentor de dimensão variável para líquidos, que pode ser utilizado também para servir à mesa. Foi identificada uma morfologia de jarro, que apresenta um bordo recto e alto, ligeiramente extrovertido. Possui uma asa ovalada vertical que arranca do colo e tem o fundo plano. O bordo apresenta incisões ou caneluras concêntricas circulares e triangulares. A superfície interna/externa apresenta uma

tonalidade avermelhada/acastanhada. O diâmetro do bordo é de 8,5 a 9 cm; o diâmetro do fundo é de 8 cm; a espessura da parede é de 0,4 cm; a largura da asa é de entre 3 a 3,5 cm e a altura é de 21,5 cm. Foram identificados no contexto uma peça com o perfil completo para esta variante (6_PFoo.F11[376] – 606-13, 609-63A; 642-62; 637-66; 609-63B) e alguns exemplares onde apenas existe o bordo e asa. (7_PFoo.F11[376] – 620-8; 634-72; 637-60AB; 642-125; 620-8; etc.). Foi identificado um exemplar semelhante em estratigrafias do Beco das Barrelas (Alfama), Lisboa, datadas para o final do século XVII e início do seguinte (OLIVEIRA, 2012: 49-51). Outro possível paralelo está presente no contexto do poço seiscentista no Vale de Alcântara, Lisboa, onde foi identificada uma “Infusa” semelhante, datada para os séculos XVII e XVIII (BATALHA e CARDOSO, 2013, p.133). No contexto do poço SE do claustro NE do Hospital Real de Todos-os-Santos, mais antigo que o do poço SO, foi recolhida uma peça semelhante, mas com morfologia diferente, que demonstra como o bordo se foi alterando ao longo do tempo (BARGÃO, 2015: 229). Foram contabilizados 10 *NMI* para esta forma (Figura 5).

Bilha:

A Bilha é um recipiente de líquidos de média dimensão, que apresenta uma ou duas asas e com colo estreito e alto. Foram identificadas quatro variantes para a forma de bilha neste contexto. Foram reconhecidos 25 *NMI* para esta forma.

A primeira variante, A, é que aquela com maior presença no espólio, com 9 *NMI*. Apresenta-se com um corpo globular e colo estreito e alto ou um pouco mais baixo, fundo plano e bordo recto, espessado para o exterior. A asa é ovalada vertical que arranca junto ao bordo e termina a meio da peça. Pode exibir uma linha (incisão) no bordo e outras linhas a meio do corpo da peça. A superfície interna possui uma tonalidade alaranjada, a superfície externa pode apresentar um tom acinzentado. O diâmetro do bordo é de 5 a 6 cm; o diâmetro do fundo é de 8 a 9,5 cm; a espessura da parede é de 0,3 a 0,4 cm e a altura é de pelo menos 22 cm. (8_PFoo.F11[376] – 13001-1)/(9_PFoo.F11[376] – 607)/(10_PFoo.F11[376] – 1276-49). Semelhantes a esta forma, foram recolhidas no contexto do sítio do Mercado da Ribeira, Lisboa, datadas para a primeira metade do século XVIII (FERREIRA, 2015: 284).

A segunda variante, B, é caracterizada pelo bordo

exvertido, ligeiro espessamento para o exterior com secção semicircular. Com colo alto e estreito, decorado com pequenas caneluras concêntricas e incisões. A asa vertical arranca a partir do gargalo. Não é conhecido o seu corpo e fundo. A superfície interna/externa apresenta uma tonalidade avermelhada/acastanhada. O diâmetro do bordo é de 8 cm e a espessura da parede é de 0,4 cm. Existem apenas dois exemplares no contexto com estas características, logo são reconhecidos 2 *NMI* (11_PFoo.F11[376] – 1146-94).

A terceira variante, C, é algo semelhante à anterior, mas de menor dimensão, com 1 *NMI* contabilizado. Contempla um bordo exvertido, espessado para o exterior com secção semicircular. Com colo alto e estreito, decorado com uma incisão no colo. A asa vertical arranca a partir do colo, debaixo do bordo. A superfície interna/externa apresenta uma coloração avermelhada/acastanhada. O diâmetro do bordo é de 5 cm e a espessura da parede é de 0,3 cm. É o único exemplar para esta variante, sendo desconhecida a restante morfologia. (12_PFoo.F11[376] – 1276-46A; 1276-46B)

A quarta variante, D, é uma variante que não tem bordo conhecido, estando somente presentes porções do fundo e corpo, e distingue-se pelas suas muito pequenas dimensões. Apresenta corpo globular, colo alto e estreito, base com pé alto e um pequeno ônfalo. Possui um arranque de asa vertical a meio da peça. No topo do gargalo é decorada com caneluras concêntricas. A superfície interna/externa apresenta uma coloração alaranjada. O diâmetro do fundo é de 5,5 cm; a espessura da parede é de 0,3 cm e a altura é de pelo menos 16,6 cm. Estão presentes no contexto exemplares de fundos com características semelhantes, mas não se sabe com certeza se pertencem ao mesmo grupo. Foi reconhecido por isso, apenas 1 *NMI* (13_PFoo.F11[376] – 610-16) (Figura 6).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que respeita ao contexto estudado, a origem dos objetos não se pode conectar categoricamente com a vida a uso da estrutura hidráulica, parecendo antes ter resultado de um conjunto de processos onde a acumulação de elementos vasculares destinados ao descarte após um dos eventos traumáticos da vida da instituição, mais provavelmente o incêndio de 1750, sugere ter sido o fator determinante. A comprovar este entendimento, marcam presença im-

portante no contexto outras categorias artefactuais já antes estudadas, como as faianças destinadas ao consumo e apresentação alimentar (BOTELHO, 2002), vidros (BOAVIDA, 2012), ou as outras cerâmicas comuns de uso quotidiano não apresentadas aqui, com destaque para as peças destinadas à confeção ou conservação alimentar.

Neste mesmo sentido, aparentemente nada no conjunto global recolhido no poço do Claustro SO se conectaria forçosamente com a instituição hospitalar, podendo ter sido proveniente de outras áreas da cidade. Contudo, a presença entre os exemplares destinados a líquidos de “peças mortas”, provavelmente para evitar o contágio, sugere fortemente uma proveniência próxima à estrutura e uma relação direta com o quotidiano da instituição, facto de resto já fora salientado antes em função de alguns elementos não cerâmicos recolhidos (BOAVIDA, 2012 e no prelo) que só se podem compreender em função do enquadramento em causa.

A explicação para o achado no contexto de um conjunto tão diversificado, em termos funcionais e tipológicos, prende-se com o carácter episódico da sua formação. Aqui, a presença de utensilagem de cozinha, de bens pessoais, como restos de elementos vestuário ou dados de jogo, dever-se-á muito provavelmente à origem próxima ao poço dos artefactos descartados, motivada pela utilização privilegiada que se fazia da planta baixa do Hospital por parte do pessoal a ele afecto, que nele residia com as respetivas famílias. Contudo, o conjunto estudado acaba por constituir um contributo determinante para o esclarecimento dos processos de formação do contexto. Se se atentar na sua composição, predominam claramente os cântaros entre os contentores de líquidos, justamente os elementos vasculares utilizados estritamente no abastecimento de água e sua conservação, e esta expressão quantitativa faz-se em desfavor das bilhas e jarros, cuja funcionalidade pode compreender, para além daqueles, também o serviço à mesa. Hipoteticamente conservados no interior ou junto dos compartimentos do piso térreo, os cântaros seriam as peças mais diretamente relacionadas com a vida a uso do poço, onde é estridente a ausência dos elementos vasculares em cerâmica comum destinados ao consumo de água (copos, púcaros), e fraca a percentagem da denominada “cerâmica modelada” (SILVA e RODRIGUES, 2015).

Deste modo, o estudo efetuado aos contentores destinados a líquidos do Poço do Claustro SO do

Hospital Real de Todos-Os-Santos, para além ter contribuído para caracterizar morfológicamente um grupo das produções locais ou regionais lisboetas a uso nos meados do séc. XVIII, permitiu de igual modo lançar alguma luz sobre os quotidianos que tiveram lugar no interior da instituição (Figura 7).

BIBLIOGRAFIA

ARCELIN, P.; TUFFREAU-LIBRE, M. (1998) – La quantification des céramiques.

Conditionnet protocole, in *Acter de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray*. Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray, Collection Bibracte, 2. Glux-en-Glenne.

BARGÃO, André (2015) – *Evidências do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: os contextos do poço SE do Claustro NE* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

BATALHA, Luísa; CARDOSO, Guilherme (2013) – “Poço seiscentista no Vale de Alcântara (Santa Isabel, Lisboa)”, in *EMERITA – Estudos de Arqueologia e Património Cultural*, 1. Lisboa, p. 113-140.

BOAVIDA, Carlos (2012) – “Espólio Vítreo de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal)”, in TEIXEIRA, A.; BETTENCOURT, J. A. (coord.) *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna*, vol. I. Lisboa: Centro de História de Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, p.135-139.

CARDOSO, Guilherme; RODRIGUES, Severino (2002) – Conjunto de peças de cerâmica do século XVII do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade de Cascais, in *Actas do 3º Encontro de Arqueologia Urbana*. Almada: Câmara Municipal de Almada, p. 269-288.

CARITA, Hélder (2015) – “Lisboa: Da cidade Medieval à Cidade Manuelina”, in TEIXEIRA, A.; PAREDES, F.; SILVA, R. B. (coord.) *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades*. Ceuta, Lisboa: Ciudad Autonoma de Ceuta / Camara Municipal de Lisboa, p.31-35.

CASIMIRO, Tânia (2011) – Estudo do espólio de habitação seiscentista em Lisboa, in *O Arqueólogo Português*, Serie V, 1. Lisboa, p. 689-726.

CARMONA, Mário (1954) – O Hospital Real de Todos-os-Santos da cidade de Lisboa. Lisboa.

FERREIRA, Sara (2015) – *O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

GARCIA, José Manuel (coord.) (2009) – *História de Lisboa – Tempos Fortes*. Lisboa: Câmara Municipal, GEO.

MOITA, Irisalva (1992) – *V Centenário do Hospital Real de Todos-os-Santos*. Lisboa: Correios de Portugal.

LEITE, Ana Cristina; PEREIRA, P. (1993) – O Hospital Real de Todos-os-Santos, in *Hospital Real de Todos-os-Santos, 500 anos – Catálogo*. Lisboa: Museu Rafael Bordalo Pinheiro, p. 5-19.

OLIVEIRA, Filipe Santos. (2012) – *Espólio de Idade Moderna, proveniente do Beco das Barrelas, Alfama* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).

RAMOS, Luís Oliveira (1993) – “Do Hospital Real de Todos os Santos à História Hospitalar portuguesa”, in *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, p. 333-350.

SILVA, Rodrigo Banha; RODRIGUES, A. F. (2015) – “Cerâmicas finas barrocas de um contexto de finais do séc. XVII – inícios do Séc. XVIII de um poço do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa)”, in *Estudos e Relatórios de arqueologia Tagana*, 1, Lisboa.

SILVA, Rodrigo Banha; LEITE, Ana Cristina (2015) – “O Hospital Real de Todos-os-Santos”, in TEIXEIRA, A.; PAREDES, F.; SILVA, R. B. (coord.) *Lisboa 1415 Ceuta – História de duas cidades*. Ceuta, Lisboa: Ciudad Autonoma de Ceuta / Camara Municipal de Lisboa, p.49-53

TORRES, Joana (2011) – *Quotidianos no Convento de São Francisco de Lisboa: uma análise da cerâmica vidrada, faiança portuguesa e porcelana chinesa* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).



Figura 1 – Aspeto da intervenção arqueológica, com o Hospital Real. Fotografia orientada a S-N.



Figura 2 – Localização do Poço SO.

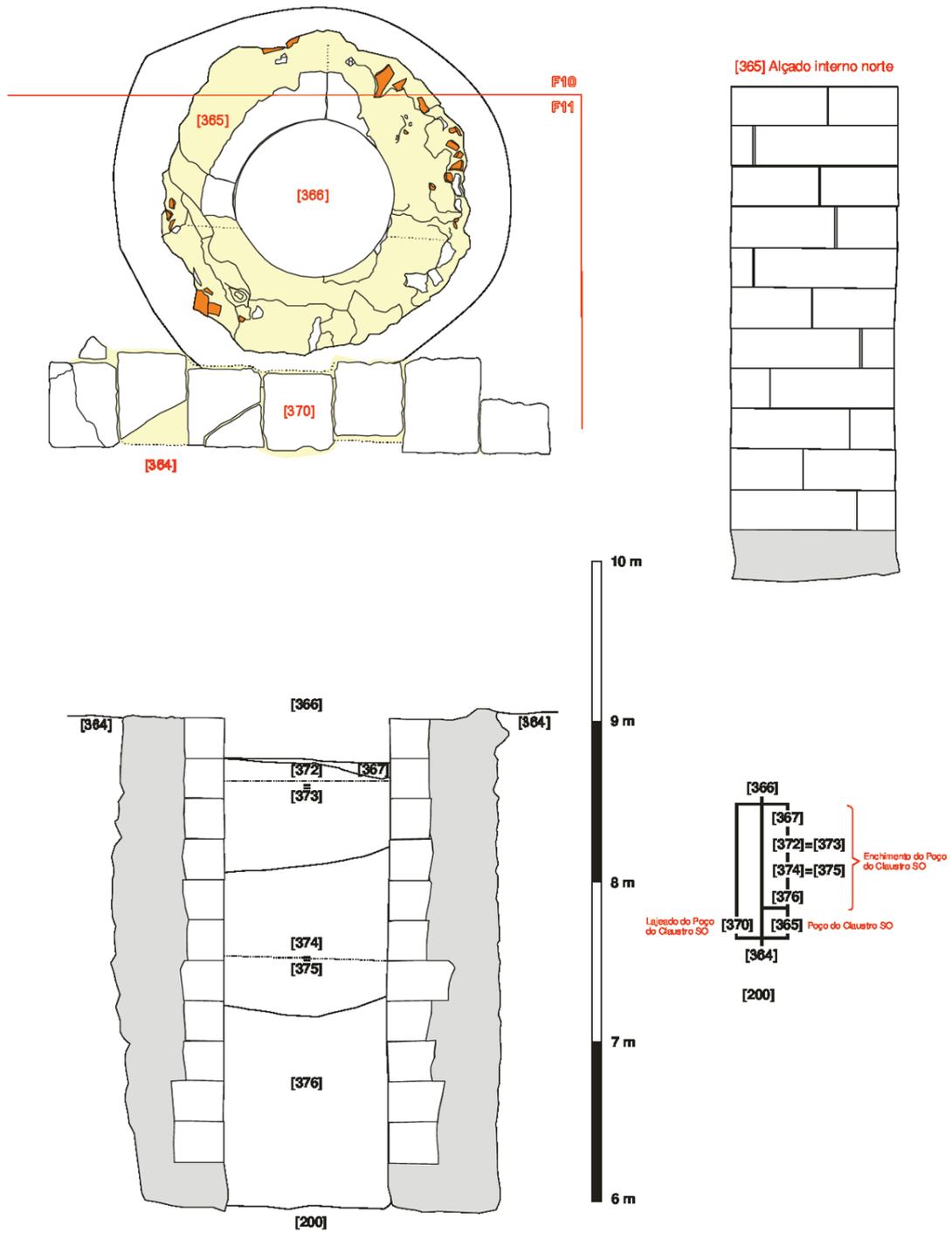


Figura 3 – Perfil estratigráfico do Poço e matriz de Harris.

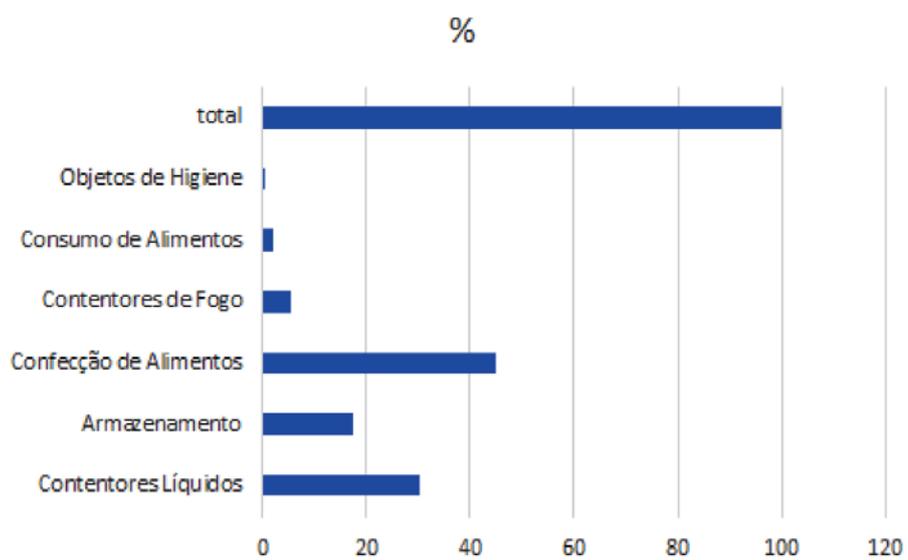
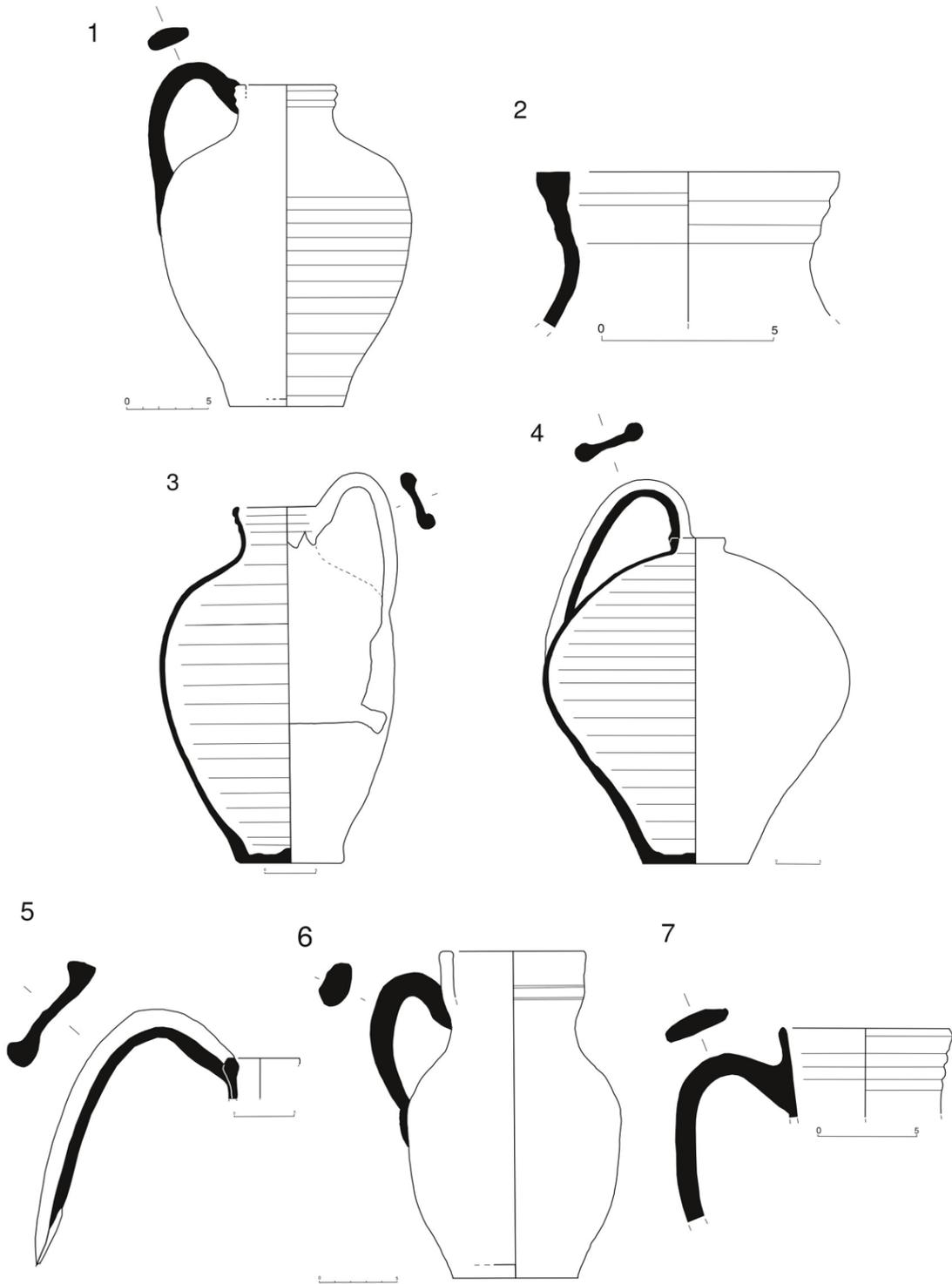
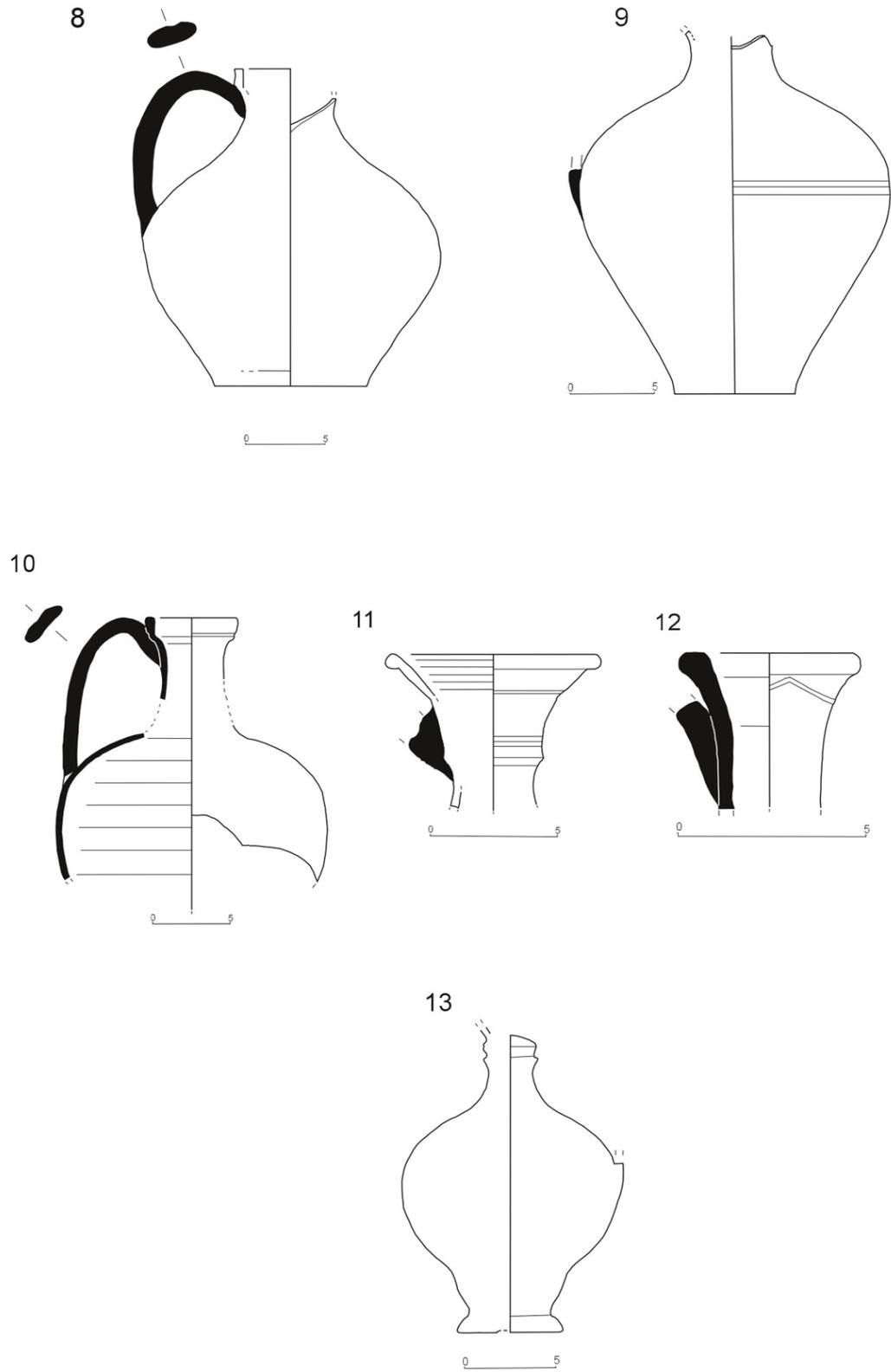


Figura 4 – Distribuição, em percentagem, da cerâmica comum exumada no Poço SO, por grupos funcionais.



Cântaro: 1-5, Jarro: 6-7

Figura 5 – Estampa 1: Cântaros e Jarros.



Bilha: 8-13

Figura 6 – Estampa 2: Bilhas.



Figura 7 – Pormenor do Rossio (Chafariz de Neptuno) e o Hospital Real de Todos-os-Santos, com a representação de cântaros com as mesmas variantes que surgem no contexto SO. Primeira metade do século XVIII. Paineis de Azulejos, reprodução. Lisboa, Museu da Cidade.